CONTINUIDADE E MUDANÇA NA SERRA DO CABRAL, MINAS GERAIS: A QUESTÃO DO TEMPO NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

Paulo Seda

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Departamento de História
Programa de Estudos da Pré-História Brasileira. IAB – Instituto de Arqueologia Brasileira

O trabalho apoia-se, basicamente, no estudo da sociedade de caçadores-coletores que, a partir de 1.600 anos atrás instalou-se na região da Serra do Cabral, em Minas Gerais. Para isto, procuramos caracterizar a arte rupestre local e utilizamos dados de escavação, objetivando entender a organização sócio-cultural dos grupos que ocuparam e pintaram os abrigos locais. A localização, na área estudada, de um único sítio com vestígios ocupacionais profundos, em a meio a inúmeros exclusivamente com arte rupestre, nos permitiu propor um modelo de ocupação tendo um sítio central, acompanhado de diversos outros periféricos (ou satélites) e, em termos de função, classificá-los, com base em seus vestígios, como oficina lítica e cerimoniais. Por outro lado, o estudo das características ambientais da Serra do Cabral, levou-nos a considerá-la como um verdadeiro refúgio para estas populações pré-históricas, permitindo a preservação de aspectos sociais arcaicos e resistentes à mudança, fazendo com que, enquanto a região central do Estado de Minas Gerais era ocupada por povos horticultores, a Serra do Cabral permanecesse ocupada pelos seus antigos povoadores.

Palavras-chave: Arqueologia; Caçadores-Coletores; Tempo.

This work to establish, basically, in the study of the hunter-gatherer societies which, since 1.600 BP, settled the Serra do Cabral's region, located in the state of Minas Gerais, Brazil. Thus, we have been trying to characterize the local rock art and, using excavations data, targeting to understand the socio-cultural organization of the groups who occupied and painted the local shelters. The localization, on the studied area, of a single site containing deep occupational remains, among countless exclusively rock art sites, permited us to propose a model of settlement based on a central site, accompanied of several other peripherics (or satellites) and, in terms of function, to classify them based on their remains, such as lithic workshop and ceremonial sites. On the other hand, the study of Serra do Cabral's environmental features led us to consider it as a real refuge to these prehistorical populations, allowing the preservation of archaic social aspects resistant to changes, making it possible that, while the central region of the state of Minas Gerais was being occupied by horticulturalists, Serra do Cabral remained occupied by it old settlers.

Keywords: Archaeology; Hunter-Gatherers; Time.

Evidentemente este pequeno trabalho não pretendeu apresentar, com precisão, toda explicação sobre a questão do tempo entre sociedades primitivas[1]. Mesmo porque, consideramos que o papel da ciência não é explicar tudo e seria impossível, nestas páginas, explorarmos todas as possibilidades.

Para exemplificarmos algumas questões que iremos tratar, utilizamos dados obtidos durante o desenvolvimento do Projeto de Pesquisas Arqueológicas Serra do Cabral, sob nossa coordenação, mais especificamente os referentes ao sítio MG-VF-15 Lapa Pintada III, localizado no Município de Buenópolis, Minas Gerais. As escavações deste sítio revelaram, entre outras coisas, a presença de uma indústria lítica de características marcantemente arcaicas (com forte presença dos artefatos plano-convexos) e, no entanto, dentro de um horizonte muito recente (1650±60 A.P. a 310±50 A.P.). Esta aparente contradição entre as características do material recolhido e as datações obtidas é que levou-nos a sistematizar as questões aqui colocadas.

Por outro lado, apesar dos oito anos de pesquisas intensivas do Projeto, não podemos considerar que todas as questões relativas a ocupação pré-histórica da Serra do Cabral estejam resolvidas ou mesmo que já conheçamos a sua

[1] Sob este termo estamos designando as sociedades de bando e tribais e o utilizamos, sem qualquer conotação pejorativa, no sentido de primevas. Primitivo, para nós, é um qualitativo.

totalidade. Outras possibilidades de pesquisa precisam ser melhor exploradas. O trabalho carece, por exemplo, de um possível relacionamento etnográfico, embora as fontes sejam completamente omissas em relação a grupos indígenas que possam ter ocupado a Serra do Cabral. Este relacionamento, porém, certamente será buscado.

O PROJETO DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS SERRA DO CABRAL: PROPOSTAS E RESULTADOS

A região da Serra do Cabral foi prospeccionada pela primeira vez em 1972, quando as atividades do PROPEVALE[2] atingiram o médio vale do São Francisco, tendo sido pesquisados os Municípios de Lassance e Joaquim Felício, localizando-se três sítios. O Município de Joaquim Felício foi novamente visitado em 1974, localizando-se um quarto sítio (Cf. CARVALHO e CHEUICHE, 1975 e CARVALHO e SEDA, 1982). Em 1983 retornamos a região, realizando nosso primeiro contato pessoal com a Serra, desta feita ao Município de Buenópolis, tendo sido registrados oito sítios (SEDA, SILVA e MENEZES, 1984). A partir de então, percebendo a potencialidade da região, sentimos a necessidade de desenvolvermos um projeto específico de pesquisas sistemáticas, elaborando o Projeto de Pesquisas Arqueológicas Serra do Cabral[3] (Programa de Pesquisas Arqueológicas em Grutas de Minas Gerais).

O AMBIENTE

A região da Serra do Cabral localiza-se no médio vale sanfranciscano, entre as bacias dos rios das Velhas e Jequitaí, dos quais é divisor de águas. A Serra, por sua vez, faz parte do "complexo" do Espinhaço, constituído por formações proterozóicas, com rochas pertencentes às Séries Minas, Itacolomi e Lavras, bem como gnaisses e granitos do complexo cristalino, atuando como divisor

[2] Programa de Pesquisas Arqueológica no Vale do São Francisco, desenvolvido pelo Instituto de Arqueologia Brasileira, entre 1970 e 1980, no vale mineiro deste rio. A partir de 1980, o IAB iniciou o Programa de Pesquisas Arqueológicas em Grutas de Minas Gerais, uma segunda etapa do PROPEVALE, onde vêm sendo escavados uma série de sítios selecionados, principalmente, durante o Programa anterior.

[3] Doravante chamado Projeto Serra do Cabral.

entre as bacias do São Francisco e as dos rios que correm diretamente para o Atlântico. O acesso à região é bastante difícil, na maior parte das vezes sendo realizado por estradas somente transitáveis por veículos com tração ou à cavalo.

Inserida no complexo de rochas da Série Itacolomi, a Serra do Cabral encontra-se isolada do Espinhaço por uma depressão que chega a ultrapassar 40km de largura. Ocupando uma área de 38,3kmx88,3km (3.381km^2) , em sua largura e comprimento máximo, tendo seu eixo mais longo no sentido N-S, é constituída, sobretudo, por conglomerados quartzíticos e areníticos, ambos apresentando-se sob a forma de matacões conformando um relevo ruiniforme[4], ocorrendo ainda afloramentos de cristal de quartzo e raramente filitos. O relevo é pouco acidentado, com rochas, hoje, muito resistentes à erosão, pois além dos dobramentos, tais rochas desta série sofreram intrusões de pegmatitos, rochas diamantíferas e diabásio. O alto da Serra do Cabral é marcado por uma chapada que surge entre os 900 e os 1.000m de altitude, após uma subida íngreme. Esta paisagem de chapada, porém, freqüentemente é quebrada por elevações escarpadas, que por vezes atingem dimensões e alturas consideráveis, as quais a população local denomina igualmente de "serra".[5] Apesar disto, o relevo pode ser considerado pouco acidentado (há um acentuado predomínio da chapada), embora apresente diversos pontos que ultrapassam os 1.200m de altitude[6], ficando a média entre 900 e 1.000m, estando seu ponto culminante a 1.391m, na região de Joaquim Felício e o da área estudada (chapada de Buenópolis) à 1299m , na "serra" do Mole.

A precipitação média anual no trimestre mais chuvoso, quando ocorre a maior concentração de águas (55 a 60%), é de 600 a 1.000mm. Como é carac-

---

[4] Matacões são "blocos inicialmente fraturados por tensões. ...É comum apresentarem redes de diaclases ortogonais" (MAIO, 1980: 94), sendo que no relevo ruiniforme "a passagem dos climas, pela mudança de ambiente a que foi submetida a formação, a rocha retraiu-se, dando como resultado uma série de aberturas distribuídas em várias direções,..., a desintegração da rocha é evidentemente acelerada. ...advém, por conseguinte do seccionamento de antiga extensão, que aos poucos se subdividiu em compartimentos menores...(op. cit.: 129-132)", que por vezes lembram "ruínas".

[5] Neste caso, para diferenciar do relevo maior, utilizamos o termo sempre entre aspas e com letras minúsculas.

[6] O sítio MG-VF-35 Lapa da Pedra Amarela, localizado na "serra" do Corredor, situa-se em uma cota altimétrica de 1.250m.

terístico no Brasil Central, a região apresenta duas estações bem marcadas: uma seca, de abril a setembro e outra chuvosa, de outubro a março. Na Serra do Cabral, porém, a estiagem é bem atenuada, seja por raros aguaceiros, como os que presenciamos em pleno mês de julho, em 1990, mas sobretudo pela impressionante hidrografia local, com incontáveis córregos que nunca secam, a ponto de apresentarem caudalosas cachoeiras mesmo no período de maior seca. Esta abundância de água, faz com que os fazendeiros locais utilizem o alto da Serra como área de invernada, levando o gado para lá durante a estiagem. Desta forma, estes córregos, encachoeirados e de águas muito frias, são um dos aspectos mais marcantes do ecossistema local.

Quanto à cobertura vegetal, a Serra do Cabral está inserida na área dos cerrados brasileiros, com suas variações (cerradões, campos limpos, etc.). Dentro de uma visão generalizadora e simplista, teríamos a seguinte variação:

1. os cerrados, predominando nas médias altitudes e encostas, recobrem as extensas superfícies regulares ou levemente onduladas, com solos de argila compacta ou areia e apresentam, classicamente, dois estratos: o superior, formado por arbustos e árvores de pequeno porte (3 a 4m de altura), de cascas grossas e troncos tortuosos; o inferior, formado por vegetação herbácea, onde predominam as gramíneas;

2. os cerradões, característicos das baixas altitudes, estão presentes em áreas com maior irrigação e solos mais ricos em sais minerais, apresentando vegetação mais alta e densa, estruturalmente formados, também classicamente, por três estratos: o superior, arbóreo (árvores de 8 a 12m de altura); o intermediário, arbustivo (1 a 3m de altura) e o inferior, herbáceo, mais ralo e de porte bastante reduzido;

3. os campos limpos, predominantes na paisagem local, estão presentes nas altitudes superiores a 900-1.000m, recobrindo as formações quartzíticas em solos silicosos e ácidos, sendo caracterizados por uma cobertura herbácea, com predomínio dos capins de tufo, intercalados por raros arbustos e árvores de cerrado, bromeliáceas, musgos, líquens e gramíneas, sendo muito marcante, no caso da Serra do Cabral, a presença das "sempre-vivas" *(Eriocaulon sp, Paepalanthus sp)* e outras flores secas, cuja coleta ainda representa uma importante atividade econômica para a população local, bem como da canela d'ema *(Vellozia sp)*, planta típica de altitude;

4. ocasionalmente, aparecem as matas galerias ou ciliares, acompanhando o as margens dos córregos e rios, bem como vegetação típica de terras alagadiças, predominando a palmeira buriti *(Mauritia sp)*, além da vegetação rupestre nos paredões.

Se esta ordenação, em linhas gerais, é correta, um olhar mais atento permite perceber que o ecossistema da Serra do Cabral é ainda bem mais diversificado, não em relação as cotas altimétricas, mas na própria chapada, domínio dos campos limpos. No caso da Chapada de Buenópolis, foco de nossa pesquisa, o levantamento botânico (Cf. PANGAIO, 1992 e 1993), realizado em cinco áreas diferentes, coletando e identificando exemplares em todas elas, constatou a presença, no alto da Serra, de cerrado, campo, mata ciliar, brejo e vegetação rupestre. Os cerrados são um dos ecossistemas mais ricos e diversificados do país e, no caso em questão, devemos ressaltar ainda o excelente sistema de irrigação da Serra, implicando em uma diversificação ainda maior, apesar de uma fisionomia "xeromórfica", uma vez que a vegetação permanece exposta à intensa radiação solar.[7]

Desta forma, se temos o cerradão, compondo o sopé da Serra, o cerrado na sua encosta e os campos limpos (ou de altitude) e rupestre no alto da Serra do Cabral, esta divisão não implica na sua exclusividade: o que observamos em relação as chapadas da região, particularmente a do Município de Buenópolis, é a presença de todas as formações vegetacionais a que nos referimos, algumas entremeando-se nas outras (formando os encraves).

Pelas condições descritas, torna-se evidente a riqueza faunística da Serra: a diversidade de ambientes, com diferentes frutos durante todo o ano, a impressionante hidrografia local e a presença de inúmeras tocas nos paredões, favorecendo o abrigo da fauna, oferecem ótimas condições para a existência e diversidade da fauna. Infelizmente, nos últimos anos, esta fauna encontra-se muito reduzida: a prática contínua da caça e a devastação do meio ambiente, sobretudo pelos reflorestamentos e carvoeiras, são, sem dúvida alguma, os principais responsáveis por esta situação.

Particularmente desastrosos são os reflorestamentos com Pinnus sp., feitos para o fabrico de carvão em porções enormes da chapada, chegando a

[7] As razões deste xeromorfismo, bem como de outras adaptações vegetais, estão bem discutidas em SEDA e PANGAIO, 1997: 34-37.

formar verdadeiros "mares" de pinheiros, devastaram grande parte dos campos de sempre-vivas (Eriocaulaceae), fonte econômica da região (inclusive são exportadas, sendo consideradas as melhores de todo o território nacional).

A ARQUEOLOGIA

A materialização do Projeto Serra do Cabral, sob nossa coordenação geral, se deu verdadeiramente a partir do final de 1989, quando fomos agraciados pela FBB - FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL com uma verba para dois anos de pesquisas. Neste mesmo ano, recebíamos uma pequena verba do CNPq, utilizada para uma segunda etapa de campo. Em 1991, passamos a contar, igualmente, com o financiamento decisivo da Smithsonian Institution, de Washington, D.C. Tivemos também, em todas as etapas, apoio da Prefeitura Municipal de Buenópolis, representando um importante e fundamental complemento das verbas recebidas, bem como de diversos moradores da região.

Desde então, foram realizadas sete etapas de campo, tendo o Município de Buenópolis como *"área core"*, elevando-se para 56 o número de sítios ali localizados, acompanhadas dos devidos trabalhos de laboratório.

Pretendia-se com o Projeto, uma prospecção mais ampla e aprofundada, buscando a localização, preferencialmente, dos locais de ocupação mais permanente dos grupos que ocuparam a região, seja no alto da Serra, seja na encosta ou na sua base. Evidentemente, trata-se de um Projeto ambicioso e que somente será executado a longo prazo. Assim, em uma primeira etapa, as pesquisas se concentraram na chapada de Buenópolis, região já conhecida por nós, realizando-se prospecções nos diversos abrigos e grutas localizados, procedendo-se a documentação da arte rupestre, abertura de cortes testes quando procedente, levantamento de dados acerca do meio ambiente e registro da cultura material moderna presente em tais abrigos.

Os trabalhos anteriormente realizados na Serra do Cabral, revelavam que a região possuía um considerável potencial sobretudo no que diz respeito à arte rupestre. A Serra chama atenção, sobretudo, pela ocorrência de inúmeras pinturas rupestres, destacando-se, visualmente, zoomorfos de grande tamanho e detalhamento. Por outro lado, as prospecções não haviam revelado, até o início do Projeto, qualquer sítio que indicasse uma ocupação mais permanente:

apenas os sítios Lapa do Nego I, Lapa Pintada III e Pedras Altas (este em Joaquim Felício) apresentaram, além de pinturas, material cerâmico (o primeiro e o último) e lítico (todos os três), porém de forma superficial.[8] A partir desta realidade, o Projeto foi montando objetivando o aprofundamento destes dados e a tentativa de localização dos sítios de acampamento e/ou habitação.

Desta forma, adotamos como estratégia uma prospecção em larga escala, porém não descartando a possibilidade de abordagens mais intensivas sempre que possível ou os sítios exigissem. A partir de 1992, passamos a priorizar a escavação do sítio Lapa Pintada III, reduzindo as prospecções.

Como resultados destes oito anos, podemos apontar:

a) é possível classificarmos a Serra do Cabral como uma região arqueológica (Cf. RONCAYOLO, 1986);

b) a multiplicação dos sítios com arte rupestre, confirmou haverem realmente três momentos diferentes na sua execução. O primeiro caracterizado, sobretudo, por grandes zoomorfos lineares, com preenchimento por traços e que exercem domínio visual; ao segundo associam-se figuras menores, pouco elaboradas, mais estáticas e executadas, principalmente em silhueta; o terceiro, sobre o qual tínhamos dúvidas e as pesquisas o esclareceram e caracterizaram, é marcado por conjuntos de pontos que , normalmente, são contornados por um traço;

c) ainda em relação à arte rupestre, se anteriormente havia sido possível identificar a maior parte dos animais representados, esta identificação permitiu, através de uma análise quantitativa, perceber-se que os animais mais representados variam entre os dois primeiros momentos;

d) a observação e levantamento da cobertura vegetal, tendo-se coletado sistematicamente em todas os pontos de pesquisa, indica uma extraordinária diversidade e disponibilidade de recursos naturais, sendo que foi possível a identificação de diversas famílias e alguns gêneros dos exemplares coletados;

e) o estudo dos restos de ocupação atual das lapas, vem se mostrando importante no sentido de esclarecer-se e formular-se questões quanto a

[8] Equipes do Setor de Arqueologia do Mus. de Hist. Natural da UFMG, do Centro de Pesquisas Geológicas e da CETEC da Secretaria do Meio Ambiente de Minas Gerais, também realizaram prospecções na região, localizando em Lassance três sítios com material lítico superficial (Cf. DE PAULA e SEDA, 1979/80).

espacialidade e seleção das mesmas, bem como as observações e estudo das técnicas de lascamento dos garimpeiros de cristal de quartzo, mostrou-se importante para comparações e diferenciações do material arqueológico, já que ambos ocorrem no interior das lapas. Tal enfoque permitiu estabelecer as primeira idéias quanto à espacialidade e funcionalidade dos abrigos da região;

f) finalmente, destaca-se a escavação do sítio Lapa Pintada III.

Trata-se de uma gruta de boas dimensões (16x18m), com vestígios ocupacionais até 80/90cm de profundidade e uma estratigrafia é bem simples, podendo ser dividida, basicamente, em três camadas:

I - mais superficial, caracterizada por um sedimento preto a marrom-avermelhado, com cerâmica Tupiguarani e Neobrasileira), algum ósseo, muita lasca de quartzo e bastante material atual, indo até a profundidade de 30/40cm - Datação: 310(50 A.P. (Beta 72237);

II - média, sedimento marrom-acinzentado, menos lascas de quartzo, instrumentos em plaquetas e seixos de pequenos a médios, indo de 30 ou 40cm até 60cm de profundidade - Datação: 900±50A.P. (Beta 73231) e 1.100±90A.P. (Beta 73232);

III - mais profunda, com sedimento marrom-claro, quase sem lascas de quartzo, instrumentos de tamanho médio à grande, muitos inclusive de blocos, indo de 60cm de profundidade até a base - Datação: 1250±70 (Beta 63737) A.P. e 1.650±60 A.P. (Beta 63738). Em todas três o sedimento é arenoso.

Foram escavados 88m^2, revelando, sobretudo nos níveis mais profundos, uma significativa ocorrência de instrumentos líticos: são plano-convexos, raspadores, batedores e outros, tendo como matéria prima básica o quartzito. Destes, os mais representativos são uma série de artefatos em plaquetas de quartzito. Artefatos em cristal de quartzo também ocorreram, destacando-se uma belíssima ponta bifacial.

Entre as camadas II e III, percebemos diferenças entre estes instrumentos: na camada II, eles podem ser considerados de pequenos a médios, predominando os em plaqueta e é significativa a presença de seixos com evidências de trabalho (lascamentos, desgastes, mossas, etc.) e/ou manchas de corante. Isto foi particularmente interessante no setor NE-0, onde, entre os níveis 40/50 e 50/60cm coletamos 12 seixos com evidências de trabalho (muitos manchados), sendo estes também os níveis que registraram a maior quantidade de corantes.

Já na camada III, os instrumentos são de tamanho médio a grande (vários com mais de 20cm) e sendo mais característicos os plano-convexos, seja na forma de "lesmas" (alongados) ou plainas, por serem muito altos. Chama atenção também, o fato de os últimos níveis serem riquíssimos em instrumentos. Os resultados destas escavações fornecem as bases, juntamente com os demais, para uma proposta de entendimento do povoamento pré-histórico da Serra do Cabral. Nas três camadas, a matéria-prima básica é a mesma: quartzito (80,8% na CI, 93,4% na CII e 97% na CIII). Lascas e instrumentos em sílex também aparecem, contudo com muito menor freqüência (2,7%, 1,0% e 0,4%, respectivamente).

Ocorrem, ainda, instrumentos em quartzo, que chegam a atingir 16,4% na CI, principalmente em cristal, porém bem diferentes daqueles dos primeiros níveis. Destes, merecem destaque a ponta bifacial já referida e um cristal (NE-0, 40/50) com a ponta desgastada em bisel, além de artefatos discoidais que aparecem tanto nesta matéria-prima quanto em quartzito e sílex.

Destes artefatos, os que parecem ser mais característicos são aqueles em plaqueta de quartzito: de talão triangular, são de tamanho variado (desde 3cm até cerca de 15cm), com lascamento periférico, inclusive retoque e que aparecem em praticamente todos os níveis.

As escavações nos permitiram perceber, ter sido a Lapa Pintada III ocupada, principalmente, por grupos caçadores-coletores. Trata-se de um local de acampamento, utilizado principalmente para confecção de instrumentos, entre outras atividades, mas que não implicavam em uma permanência mais prolongada, uma vez que os restos alimentares são mínimos, embora, aparentemente, não houvessem maiores problemas para a sua conservação.

Nas últimas escavações, abordamos uma porção do sítio (SE) em que localizamos fogueiras, junto à uma grande área de lascamento. As fogueiras, normalmente rodeadas de pedras e com grande quantidade de cinzas, apresentaram, contudo, muito poucos restos alimentares. Isto pode indicar que elas se destinassem mais ao aquecimento, uma vez que a análise não revelou a utilização de tratamento térmico da matéria-prima dos artefatos líticos.

Contudo, o fato de localizarmos esta área com estruturas evidentes e, apesar da relativa pobreza, com restos alimentares bem mais significativos que no restante do sítio, demonstra claramente que estamos diante de uma área de

atividades mais domésticas, podendo-se estabelecer áreas de atividades específicas no sítio. Na verdade, foi possível percebermos, basicamente, dois tipos de áreas ou estruturas associadas aos instrumentos líticos e seus resíduos, ao longo da ocupação do sítio: de lascamento e de arte rupestre.

INTERPRETAÇÃO

Diante do quadro exposto, como entender os dados da Serra do Cabral. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente quais são os principais vestígios representativos da ocupação pré-histórica da Serra do Cabral, pelo menos na região que estudamos: o instrumental lítico exumado na Lapa Pintada III e as pinturas rupestres, presentes nas diversas lapas da região, ambos indicando uma ocupação, basicamente, por bandos de caçadores-coletores.

Evidentemente, isto permite dizer que, na Serra do Cabral, estamos diante de uma ocupação pré-cerâmica. Contudo, as datações obtidas para o sítio escavado, tornam difícil associar esta ocupação aos períodos arqueológicos: a Camada III, a mais antiga, tem sua data inicial em 1.650 anos A.P. ou 300 A.D. e sua data final em 1.250 anos A.P. ou 700 A.D., havendo um intervalo de 400 anos entre as duas datas; a Camada II está datada entre 1.100 anos A.P. ou 850 anos A.D. e 900 anos A.P. ou 1.050 A.D., com um intervalo de 200 anos entre as duas datas e 150 anos entre a data mais antiga da Camada II e a mais recente da Camada III; a Camada I, a mais recente, possui uma única data de 310 anos A.P. ou 1.640 A.D., com um intervalo de cerca de 590 anos entre esta data e a mais recente da Camada II.[9] Embora as datações indiquem intervalos, as camadas não apresentam hiatos. O sítio, portanto, teria sido ocupado por mais de 1.300 anos, embora pudéssemos dizer que ele é ocupado até hoje.

Esta ocupação, parece ter se iniciado no final do Arcaico ou quando as culturas horticultoras ceramistas começam a tomar corpo.

Aparentemente, a Lapa Pintada III foi o único sítio da região a conhecer uma ocupação mais efetiva e é o único localizado por nós que oferece condi-

[9] Tivemos muita dificuldade em obter amostras para datação no sítio, uma vez que restos de carvão são muito escassos, sobretudo nos níveis mais profundos e, nos níveis mais recentes, a possibilidade de contaminação, devido à ocupação atual, era sempre muito grande. A fogueira do setor SG-O, que poderia fornecer amostras interessantes, era composta quase exclusivamente por cinza, com pouquíssimos pontos de carvão.

ções para isto. Portanto, a lapa aparece como um sítio sem "competidores", onde vinha-se sempre, durante mais de 1.000 anos, aproveitando a excelente matéria-prima à disposição, para fabricar os instrumentos. A julgar pela presença de lascas, instrumentos prontos, em preparação, fragmentados e alguns indicando esgotamento, os instrumentos não só seriam fabricados ali, como também utilizados na região.

Outro fato que chama atenção, é o emprego das plaquetas de quartzito na confecção dos instrumentos: elas foram o suporte utilizado em 53,6% dos casos ou 540 instrumentos.[10] No Grande Abrigo de Santana do Riacho, na Serra do Cipó, onde são menos espessas e "a quase totalidade dos artefatos típicos foram fabricados sobre plaquetas naturais" (PROUS; MOURA e LIMA, 1991: 229), elas somam apenas onze exemplares (raspadeiras e raspadores). Este número avultado de plaquetas na Lapa Pintada III, representando mais de 50% dos suportes, caracterizaria, muito possivelmente, o que se poderia chamar de uma "industria" de artefatos sobre plaquetas.

Uma terceira questão que se destaca no acervo lítico da Lapa Pintada III, é o expressivo número de planos-convexos: 112 ou 11, 1% dos instrumentos, dos quais onze são plainas e 26 "lesmas", enquanto no restante não foi possível esta identificação. A comparação com três sítios semelhantes, em Minas Gerais, se mostra interessante: em Santana do Riacho elas não passam de dez, sendo quatro plainas e uma "lesma" (op. cit.: 252-253) e em Varzelândia, no norte do Estado, oito exemplares na Lapa do Boqueirão Soberbo, dos quais uma plaina, enquanto na Lapa do Varal localizou-se uma "lesma" e uma plaina (MENEZES, 1997: 161-184). A situação da Lapa Pintada III é, portanto, bastante interessante, onde os plano-convexos têm uma ocorrência quase igual aos raspadores (111 ou 11,0%) e são superados, em termos de popularidade, pelos fragmentos (316 31,4%), entre os quais se incluem, certamente, alguns plano-convexos e alguns raspadores e pelas peças com retoque (186 ou 18,5%). É interessante lembrarmos ainda que, segundo PROUS (1983/84: 56), pelo ângulo de abertura do gume e tipo de retoque os instrumentos em plaqueta (basicamente, raspadores e raspadeiras e que, juntos, totalizam 154 ou 15,3%)

[10] Lembramos que os suportes não identificados em quatzito secundam as plaquetas com 22,2% e, muito provavelmente, neles se incluem plaquetas já descaracterizadas.

se enquadrariam dentro da mesma "onda" cultural das "lesmas". Desta forma, embora os grupos que ocuparam a chapada de Buenópolis sejam, certamente, remanescentes das culturas desenvolvidas durante o Arcaico, já fabricando instrumentos bifaciais (talhadores, pontas e lâminas de machado, com ocorrência muito reduzida), ainda centravam sua tecnologia sobre instrumentos unifaciais, onde os plano-convexos ocupavam um lugar de destaque. Assim, somos tentados a considerar que os bandos de caçadores-coletores que ocuparam a chapada de Buenópolis, na Serra do Cabral, seriam os últimos representantes de uma "onda" cultural iniciada com os distantes caçadores-coletores pleistocênicos.

Por tudo isto e pelos resultados da escavação, podemos também considerar que a Lapa Pintada III serviu, fundamentalmente, como uma oficina lítica para os caçadores-coletores que a ocuparam, entendendo este termo como designativo de um sítio utilizado para fabricação de instrumentos líticos (PROUS, 1992: 32) ou "estação juncada de detritos resultantes do aparelhamento e do talhe da pedra" (BRÉZILLON, 1990: 197). Evidentemente, outras atividades eram efetuadas no sítio, contudo seriam secundárias. Isto, está caracterizado não só pela localização das áreas de lascamento (com lascas, matéria-prima e instrumentos), como também pela escassez de outros vestígios. A Lapa Pintada III, portanto, durante toda a sua ocupação serviu, principalmente, como oficina lítica, variando contudo, ao longo do tempo, os pontos de concentração de lascamentos.

Uma outra importante atividade que, sem dúvida, era realizada no sítio era a arte rupestre, seja no que diz respeito à execução de pinturas, seja no que diz respeito à preparação de pigmentos ou tintas (hoje muito prejudicadas e reduzidas ao mínimo). Embora, normalmente, nos demais sítios com pinturas sejam encontradas matérias corantes, é bem possível que boa parte das tintas fossem preparadas na Lapa Pintada III.

Estas seriam as duas atividades mais desenvolvidas pelos caçadores-coletores na chapada de Buenópolis: confecção de instrumentos e elaboração de pinturas rupestres. Contudo, evidentemente, estas não eram as únicas: é bem possível que, por exemplo, aproveitassem as idas à região para explorar os vastíssimos recursos naturais ali presentes. As datações da Lapa Pintada III colocam a ocupação da região dentro do holoceno recente, portanto já com a configuração ambiental atual. Porém, é de se supor que os recursos naturais fossem ainda mais abundantes.

Contudo, considerando que o sítio foi, ao longo de toda a sua ocupação, utilizado, fundamentalmente, como uma oficina-lítica, ele parece corresponder ao que BINFORD e BINFORD (1969: 176-178) e BUTZER (1982: 231) chamam de *"sítio de atividades limitadas"*, em concordância ao proposto por VIANA (1994: 149): locais ocupados por poucos meses e que apresentam grande quantidade de restos de lascamento, além de batedores, instrumentos em preparação, não usados ou quebrados e baixíssima ocorrência de restos alimentares e fogueiras. Ainda seguindo o modelo de BUTZER (Idem), os demais sítios da chapada de Buenópolis seriam do tipo *"efêmero"*: ocupados por um período de horas ou dias, não apresentando remanescentes que indiquem um tempo de permanência prolongada.

Considerando a Lapa Pintada III, como um sítio de *"atividade limitada"* e na ausência, até o momento, de um sítio de ocupação mais permanente (ao qual ele se vincularia), o entendemos, por hora, como um acampamento sazonal, ao qual se associariam os sítios *"efêmeros"*: muito possivelmente, as pinturas eram feitas na mesma época de ida a Lapa Pintada III, quando também se aproveitaria para caçar, coletar, etc. Como cerimoniais, os sítios *"efêmeros"* seriam, provavelmente, revisitados regularmente, como parecem atestar as superposições, inclusive de momentos diferentes.

A localização, na área estudada, de um único sítio com vestígios ocupacionais profundos, em a meio a inúmeros exclusivamente com arte rupestre, nos permitiu propor um modelo de ocupação tendo um sítio central (embora de atividades limitadas), acompanhado de diversos outros periféricos (ou satélites) e, em termos de função, classificá-los, com base em seus vestígios, como oficina lítica e cerimoniais.

Por outro lado, o estudo das características ambientais da Serra do Cabral, levou-nos a considerá-la como um verdadeiro refúgio para estas populações pré-históricas, permitindo a preservação de aspectos sociais arcaicos e resistentes à mudança, fazendo com que, enquanto a região central do Estado de Minas Gerais era ocupada por povos horticultores, a Serra do Cabral permanecesse ocupada pelos seus antigos povoadores.

Continua sendo algo misterioso o local de habitação dos caçadores-coletores que ocuparam a Lapa Pintada III. Pela qualidade do ambiente e dos recursos locais, ainda somos tentados a acreditar que eles habitavam efetiva-

mente o alto da Serra, em sítios ainda não localizados. Torna-se necessário, portanto, uma ampliação ainda maior das pesquisas, sobretudo das prospecções. Evidentemente, temos consciência de que não conhecemos a totalidade dos sítios da Serra e nem que sabemos se viremos a conhecê-los, mas baseamo-nos na totalidade dos sítios que conhecemos - 56.

DISCUSSÃO: CONTINUIDADE E MUDANÇA

Pela tipologia do material encontrado na Lapa Pintada III, acreditávamos inicialmente não estarmos trabalhando com um período recente. Comentando as indústrias líticas de Minas Gerais, PROUS (1983/84: 55-56) observa que será:

> *possível algum dia definir um conjunto de indústrias antigas (início do holoceno, entre 11.000 e 9.000 B.P.) caracterizada pela utilização freqüente do retoque unifacial em lascas relativamente espessas, formando raspadores terminais, laterais e côncavos, assim como peças alongadas, plano-convexas com retoque (quase) periférico por vezes chamadas "lesmas", mas cuja função parece ter sido diferente: na Serra do Cipó, as peças plano-convexas são feitas a partir de plaquetas de quartzito, o que lhe dá um aspecto bem diferente a primeira vista. No entanto, o ângulo de abertura dos gumes e o tipo do retoque nos leva a acreditar que se trate de uma mesma 'onda' cultural* (1983/4: 55-56).

Entretanto, as datações por C14, submetidas a Smithsonian Institution, colocaram o sítio dentro de um horizonte máximo de 1.650 anos A.P., muito mais recente do que se poderia esperar. Nos deparamos assim, com uma situação extremamente interessante: a permanência de uma cultura de características bem arcaicas até um período bem recente.

Algumas questões nos parecem claras.

Há 1.850 anos atrás, quando se inicia a ocupação da Lapa Pintada III, embora há pelo menos 2.000 anos os cultivos já fossem conhecidos, à exceção da Tradição Una (DIAS Jr., 1978/79/80: 17-20) nenhuma outra cultura horticultura-ceramista, fora da Amazônia, havia se desenvolvido: por esta época, esta tradição encontra-se em pleno desenvolvimento no noroeste de Minas Gerais e, cerca de 50 anos antes do início da ocupação da Serra, já atingira o sul do Estado. Por outro lado, se 300 anos após do início dessa ocupação a Tradição Taquara (SCHMITZ e BECKER, 1991) já estava se desenvolvendo no Rio Grande do Sul e, cerca de dez anos após, os Tupiguarani já estavam se

expandindo pelo sudeste (DIAS Jr., 1994/95), somente 1.000 anos depois a Tradição Sapucaí, os primeiros horticultores que dominaram o cerrado (SCHMITZ, 1987: 30), portanto ao final da ocupação intermediária da Lapa Pintada III, encontram-se em Minas Gerais, embora haja a possibilidade de que desde 950 anos A.P. os Tupiguarani da Fase Belvedere (DIAS Jr., 1976/77: 123) já estivessem no sul do Estado.

Desta forma, tudo indica que o povoamento tão recente da Serra do Cabral possa ser entendido dentro de um quadro mais amplo, onde, em que pese o início tão recuado da horticultura no estado, o modo de vida caçador-coletor parece ter se prolongado ainda por muito tempo em Minas Gerais. Assim, mais do que o início recente da ocupação da Lapa Pintada III, chama atenção até quando se prolonga esta ocupação: enquanto no Grande Abrigo de Santana do Riacho, na Serra do Cipó (a cultura caçadora-coletora, estudada, mais próxima da Serra) a ocupação se encerra por volta de 2.800 anos atrás (PROUS et alii, 1991), na Lapa Pintada III ela se prolonga até cerca de 310 anos A.P., praticamente sem mudanças, ou seja, quase 150 anos após a chegada do europeu ao nosso território e portanto já em pleno domínio das populações horticulturas-ceramistas. Este fato merece algumas reflexões.

Em primeiro lugar, se normalmente fala-se de períodos, é preciso diferenciar este termo de estágio. Enquanto período é, necessariamente, uma divisão cronológica, desenvolve-se entre determinadas datas ou acontecimentos, estágio é, necessariamente, uma divisão cultural, podendo ou não comportar um componente cronológico. Isto explica porque, por exemplo, ainda hoje existem populações caçadoras-coletoras que, evidentemente, não se enquadram dentro dos períodos pré-históricos, mas, poderíamos dizer, encontram-se em um estágio de caça e coleta.

Desta forma, o início de um período e o fim de outro não implica na extinção das características antigas e o domínio total das novas características, mas sim no predomínio destas e na diminuição da intensidade daquelas. Mesmo porque, o que caracteriza um período é a predominância de determinadas características, não a exclusividade: até que ponto podemos dizer que, no Brasil, o chamado período histórico acaba com todas as características do período pré-histórico? Será que nossa cultura não conserva uma série de características das culturas aqui encontradas pelo colonizador? Portanto, ousamos dizer, difi-

cilmente ocorrem rupturas: o que é rompido já possui algo do que rompe e o que rompe ainda conserva muito do que está rompendo.[11]

Por outro lado, as mudanças atingem as diferentes populações e culturas com intensidades também diferentes. Assim, ao mesmo tempo que algumas culturas adotam rapidamente as novas características ou inovações, existem aquelas que as adotam gradativamente e, normalmente, de forma restrita e ainda aquelas que permanecem como estavam. Isto, ao que parece, poderia ser explicado através de duas vertentes:

> *A difusão nunca opera no vácuo; ao contrário, sua ação é facilitada, impedida ou distorcida pelo contexto geográfico e composição cultural, tanto das configurações doadoras quanto das receptoras. Vamos considerar primeiro alguns dos fatores geográficos mais relevantes. O mais evidente é a distância, visto que, quanto mais próximos estejam os grupos uns dos outros, maiores oportunidades surgirão para o intercâmbio. Entretanto, muitas vezes a comunicação é impedida por barreiras físicas, tais como desertos ou montanhas, ou por descontinuidades no ambiente. ...A importância da compatibilidade ambiental, para o sucesso da disseminação de um grande inventário de traços culturais é mais claramente ilustrada pelas florestas. ...*
>
> *O nível de desenvolvimento é outro fator significativo para determinar a intensidade da influência que uma cultura exerce sobre a outra. Cada cultura é uma configuração altamente integrada e assim deve mantê-la para permanecer viável. Neste sentido, possui mecanismos para a rejeição de inovações incompatíveis e potencialmente desagradáveis (assim como um animal possui mecanismos de defesa contra infecções), geralmente admitindo apenas os produtos de difusão que se harmonizem com o contexto preexistente. Dentre as culturas relativamente simples, como as Marginais,*[12] *o crivo é muito fino e pouco passa através dele. À medida que a complexidade cultural aumenta, uma grande variedade de inovações pode ser acomodada, culminando na fantástica diversidade que nos rodeia atualmente* (MEGGERS, 1979: 212-213).

Neste sentido, existem diversos exemplos de populações ou culturas, tanto etnográficas quanto arqueológicas que, por uma razão ou por outra, não adotaram a horticultura, mesmo quando esta se generalizou: os esquimós, seguramente, pela primeira razão, a geográfico-ambiental e os "cabralinos", provavelmente, pelas duas razões combinadas.

---

[11] Um exemplo disto, seria a questão da horticultura e da cerâmica em Minas Gerais que, ao que tudo indica, não trazem, em um primeiro momento, grandes alterações, inexistindo uma dicotomia, mas sim uma continuidade entre os períodos pré e cerâmico na região.

[12] Os caçadores-coletores.

Evidentemente não existem sociedades estáticas, todas elas mudam. Porém, certamente, o que há de diferente é o rítmo e a intensidade destas mudanças: enquanto sociedades como a nossa valorizam por demais a mudança, nas sociedades primitivas o que se valoriza é a continuidade ou permanência:

> *Partindo do princípio que nenhuma sociedade consegue se manter inalterada, ao longo do tempo, podemos perguntar, então, o que explicaria a permanência de sociedades tão antigas, como os bandos e as tribos, que sobreviveram até hoje (ou que sobreviveram até pouco tempo atrás) com padrões de comportamento e relações ambientais que parecem repetir as evidências reconstituídas pelos arqueólogos para sociedades situadas a centenas ou milhares de anos passados. Podemos lembrar que as mudanças pelas quais essas, sem dúvida, passaram, foram de tal ordem pequenas, que não alteraram o esquema básico que as caracteriza como "bando" ou "tribo". Elas possuíam sistemas de controle de tal forma eficazes que não permitiam (salvo situações excepcionais, ou críticas) mudanças substanciais nestes padrões de longuíssima duração* (DIAS Jr., 1992: 159).

As sociedades primitivas, portanto, podem ser encaradas como sociedades tradicionais ou conservadoras. Logicamente, não é possível conceber-se sociedades totalmente tradicionais, contudo, nestas sociedades as mudanças são por demais pequenas e, portanto, não integram seu comportamento consciente, "a não ser quando atingem um determinado grau de manifestação que, de tão repetido 'e consequentemente aceito'" (Op. cit: 158). Está concepção própria de história, que poderíamos, talvez, chamar mesmo de *ahistórica*, implica também, evidentemente, numa outra visão de tempo:

> *... Os hopis utilizam os numerais cardinais "um, dois, três..." apenas para objetos concretos. Unidades de tempo eles não contam com esses números, mas sim com os ordinais, "primeiro, segundo, terceiro... dia", e usam "dia" sempre no singular. Não se subentende neste caso uma diferença radical na concepção de "tempo"? Os hopis - diz Whorf - não contam os dias como nós contamos várias pessoas que se encontram juntas, mas sim do modo como contamos as sucessivas aparições da mesma pessoa:: "sua primeira, segunda, terceira visita". Eles vêem na seqüência dos dias não uma distribuição linear, mas sim um retorno cíclico.*
>
> *Whorf sustenta esta tese com a ilustração de determinados comportamentos dessas pessoas. Se é o mesmo dia que retorna amanhã, podemos influenciar o futuro com determinados comportamentos, neste caso em sua maioria de tipo cerimonial, com orações, meditação, execução de ritos e danças, mas também com meios mágicos a serem utilizados* (STÖRIG, 1990: 211-212).

Nestas sociedades, o importante é a continuidade e perpetuação dos usos e costumes consagrados pelo êxito, repetindo-se o sancionado e refazendo o que é aceito, dentro de uma seqüência conhecida e baseada em ciclos (Cf. ELIADE, 1985).

Por mais estranho que isto nos pareça, é através da manutenção destes padrões que a sociedade se identifica como grupo:

> *A divisão social, a eventualidade do Estado são a morte da sociedade primitiva. Para que a comunidade possa afirmar sua diferença, é mister que seja indivisa; a sua vontade de ser uma totalidade excluída de todas as outras apóia-se na recusa da divisão social: para se pensar como Nós diferentes dos Outros, é necessário que o Nós seja corpo homogêneo. ...Recusa de unificação, recusa do Um separado, sociedade contra o Estado. Cada comunidade primitiva quer permanecer sob o signo da sua própria Lei (autonomia, independência política) que exclui a transformação social (sociedade manter-se-á o que é: ser indiviso). A recusa do Estado é a recusa da exonomia, da Lei exterior, muito simplesmente a recusa da submissão, inscrita na própria estrutura da sociedade primitiva* (CLASTRES, 1980: 43-44).

Assim, ser uma sociedade tradicional implica na manutenção de um corpo de valores, crenças, comportamentos e relações que os seus integrantes vêm como o padrão. Evidentemente, quanto mais tradicional a sociedade, menos se admite mudanças, impondo-se uma variedade de "sistemas integrados de relações entre as pessoas, tanto dentre elas, quanto dentre elas e o exterior, seja este considerado como outra sociedade, ou ambiente, ou idéias externas" (DIAS Jr., op. cit.: 158). Portanto, os membros desta sociedade se identificam entre si e perante o outro pelos seus traços sociais peculiares, inconfundíveis e inalterados:[13]

> *... a diferença fundamental entre o homem das civilizações arcaicas e o homem moderno, "histórico", reside no valor crescente que este atribui aos acontecimentos históricos, isto é a essas "novidades" que, para o homem tradicional, constituíam ou circunstâncias sem significado, ou infrações às normas (portanto, "faltas", "pecados", etc.), e que, nessa medida, deviam ser "expulsas" (abolidas) periodicamente. ... Os mitos primitivos referem freqüentemente o nascimento, a atividade e o desaparecimento de um deus ou de um herói cujos gestos ("civilizadores") passam a ser eternamente repetidos. O que significa que também o homem arcaico conhece uma história, ainda que essa história seja primordial e se situe num tempo mítico* (ELIADE, 1985: 166-167).

[13] Tanto Clastres quanto Dias Jr. referem-se, basicamente, a sociedades tribais, contudo, acreditamos que as observações possam ser estendidas aos bandos.

Por outro lado, para que ocorra a permanência ou a mudança é preciso que haja estímulos, sejam de caráter ambiental, sejam de caráter social. Diante do quadro apresentado para a Lapa Pintada III, podemos entender que, na Serra do Cabral, os estímulos para mudanças eram muito baixos, enquanto os estímulos para permanência muito altos.

Acreditamos que, naquela região, a complexidade e diversificação do ecossistema, sobretudo quanto à cobertura vegetal, seria a base para entendermos a permanência, até recentemente, de uma ocupação de características arcaicas bem marcadas. Ou seja, ali os estímulos, sobretudo a partir do ambiente, seriam bem maiores para a permanência do que para a mudança, o que teria levado ao desenvolvimento de mecanismos de rejeição a inovações profundas, como a agricultura.

Para tentar entender como estes estímulos funcionariam, lançamos mão de um modelo ecológico de distribuição energética baseado nos chamados estrategistas r (colonizadores-oportunistas; mais instáveis) e K (melhor competidores; mais estáveis), como forma de compreender o ecossistema da Serra do Cabral (SEDA e PANGAIO, 1997).

Primeiramente, precisa ficar claro que, assim como as sociedades, nenhum ecossistema é estático: *Nenhum ecossistema é permanente, alguns mudam abruptamente, outros persistem por anos ou séculos* (STORER et alii, 1984: 216).

Por sua vez, a dinâmica existente nos ecossistemas pode ser alterada por ações abióticas (clima, por ex.) e bióticas, incluindo a antrópica, através de queimadas, exploração vegetal, animal e agricultura. Assim, se a relação entre as populações humanas e o ambiente é sistêmica, toda e qualquer sociedade interfere no meio e provoca alterações, embora existam sociedades cuja interferência provoca muito mais alterações do que outras.

Tomando como base especificamente o grupo caçador-coletor que habitou a chapada da Serra do Cabral, através das datações e, pelo material coletado nas escavações, observamos que a sua cultura material, durante toda a ocupação, registrou poucas mudanças, permitindo-nos inferir que não teria havido qualquer evento drástico de ordem climática, que os levassem a migrar ou mesmo modificar a sua cultura. Desta forma, podemos afirmar que a população caçadora-coletora que ocupou a Lapa Pintada III, na Serra do Cabral, faz parte, principalmente, dos estrategistas *K*, pois tem nas estabilidades ambiental

e cultural, as bases mais fortes para caracterizá-la, embora, evidentemente, nenhum organismo seja totalmente *r* ou *K*.

Pudemos, por fim, concluir que na Serra do Cabral até determinado período, o predomínio é de estrategistas *K*, já que havia uma estabilidade ambiental nesta região, proporcionando uma vida mais longa para seus habitantes. Porém, a degradação ambiental feita através de ateamento de fogo para o pasto, carvoeiras e reflorestamento de *Pinnus sp,* mais recentemente, bem como as caçadas promovidas até a década de 60, inicia um processo de abertura aos oportunistas, ou seja, estrategistas *r*, que somente se instalam em locais perturbados abioticamente, isto é, onde o ambiente já não se encontra em harmonia, em equilíbrio.

A própria diferença na intensidade de vestígios entre as camadas parece estar de acordo com isso. A Camada III, de intensidade média, é o momento da chegada quando foi preciso conhecer e se adaptar as novas condições. Isto, deve ter sido facilitado pelo fato de procederem, possivelmente, de um ambiente semelhante ao da Serra e pelo fato de, aparentemente, não terem encontrado competidores na área. A Camada II, de alta intensidade, seria o momento de estabilidade. A Camada I, de baixa intensidade, seria o momento em que, pelas mudanças na região e seu entorno, a sociedade já sentiria a pressão de novos competidores, o que é comprovado pela presença de cerâmica nesta camada.

Recentemente, PROUS observa que as "indústrias" líticas encontradas nos níveis mais superficiais dos sítios do vale do Peruaçu, norte de Minas Gerais, se assemelham muito mais as indústrias datadas entre 12.000 e 10.000 A.P., do que as presentes em outras camadas holocênicas (Cf. PROUS, FOGAÇA E ALONSO, 1993). Propõe como explicação para isto algumas hipóteses: retorno a um modo de vida semelhante ao inicial, devido a necessidades e instrumentos semelhantes; realização, no Holoceno Recente, de etapas de fabricação de artefatos que, no Holoceno Médio, seriam realizadas fora dos abrigos; resultado de uma convergência casual.

Por outro lado, ressalta também que a indústria lítica da região de Santana do Riacho perdura até períodos bem recentes.[14]

[14] Comunicação pessoal, 1993.

Portanto, em relação a Lapa Pintada III, da Serra do Cabral, não estamos diante de uma situação inédita. Contudo, ali a questão ecológica nos parece a base para entendermos esta persistência cultural de grupos caçadores-coletores, com uma indústria lítica de características tão arcaicas. É preciso ressaltar inclusive, que esta "indústria" comporta grande parte daquilo que se convencionou chamar de paleoíndio brasileiro.

Todos os estudos, desde o botânico até o geológico, vêm indicando que a região da Serra do Cabral, pelo menos no que diz respeito a chapada de Buenópolis, permaneceu bastante tempo isolada, representando um verdadeiro refúgio para plantas, animais e, por que não, populações humanas.

CONCLUSÃO

Já vai longe o tempo em que os caçadores-coletores eram vistos como povos "miseráveis", somente preocupados com a sua sobrevivência, vagando de um ponto a outro em busca de alimento:

> *...um modo de produção fundado em técnicas rudimentares pode ter um alto rendimento. A vida do caçador não é tão difícil quanto parece vista de fora. De alguma forma, a economia reflete uma ecologia difícil, mas é também uma inversão completa. ...*
>
> *Os caçadores e coletores, por força das circunstâncias, têm um padrão de vida objetivamente baixo. Mas, vistos de dentro de seus objetivos e dado seus meios de produção, todas as necessidades materiais das pessoas podem ser facilmente satisfeitas* (SAHLINS, 1978: 39-41).

O modo de vida caçador-coletor parece representar uma sociedade da afluência, ou seja, "aquela em que todas as vontades materiais das pessoas são facilmente satisfeitas" (Op. cit.: 7). Embora tenha-se que reconhecer a existência de grande variabilidade cultural e natural na evolução destas sociedades (Cf. SMILEY et alii, 1979/80; MIRACLE; FISCHER e BROWN, 1991), este parece ser um traço comum entre os caçadores-coletores. Sem dúvida nenhuma, fatores como a estabilidade territorial (STEFFIAN, 1991), estocagem (GOLAND, 1991), estratégias de informação (HEGMON e FISCHER, 1991), são fundamentais para isso. Evidentemente tais sociedades, como qualquer outra, também enfrentam crises (BERNBECK, 1991). Contudo, estudos sobre nutrição, reprodução, etc., têm demonstrado que os caçadores-coletores, adaptando-se a níveis baixos de exigência, têm tido bastante sucesso com o seu modo de vida:

Noutros termos, a sociedade primitiva, longe de se esgotar continuamente na tentativa de sobreviver, mostra-se seletiva na determinação das suas necessidades e dispõe de uma "máquina" de produção apta a satisfazê-las; funciona, de fato, segundo o princípio: a cada um segundo as suas necessidades (CLASTRES, op. cit.: 21-22).

Esta "máquina", nada mais é do que uma integração com o meio ambiente, do que os padrões de subsistência e povoamento desenvolvidos por estas sociedades. O sucesso desta "máquina", é atestado, inclusive, pelo fato de que em 99% do período de sua existência o homem viveu como caçador-coletor (LEE e DEVORE, 1968). Isto fica claro também, nas palavras de DARWIN (apud MEGGERS, 1979: 194-195) em 1871 que, após classificar os fueguinos como "as criaturas mais abjetas e miseráveis" que contemplara e descrever seu ambiente como "uma massa fragmentada de rochas rudes, montanhas elevadas e florestas sem uso", reconhece:

Não há razão para acreditarmos que os fueguinos tenham diminuído de número, portanto, devemos supor que eles desfrutam de uma suficiente cota de felicidade, seja lá qual for o modo que encontraram de apreciar a vida. A natureza ao tornar o hábito onipotente e seus efeitos hereditários, adaptou o fueguino ao clima e aos produtos deste país miserável.

Voltando a Serra do Cabral, em concordância com os estudos atuais, os dados parecem demonstrar que, durante longo tempo, o modo de vida caçador-coletor satisfez as necessidades da sociedade que ali se instalou e uma das razões para isto, talvez a mais forte delas, reside com certeza no ecossistema local. Por outro lado, deve ficar claro que a valorização do ambiente, no estudo das sociedades pré-históricas, não implica em determinismo, mas sim em uma visão integrativa e sistêmica.

Desta forma, podemos afirmar que durante longo período o ecossistema da Serra do Cabral refletia um equilíbrio próximo do ideal, equilíbrio este que permitiu a persistência até recentemente da flora, da fauna e da sociedade de caçadores-coletores que ali se instalaram.

Vista a partir da perspectiva aqui desenvolvida, a história da sociedade de caçadores-coletores da Lapa Pintada III e por extensão, até o momento, da Serra do Cabral, aparece como uma eterna repetição de hábitos, com certeza, há muito tempo já desenvolvidos. A estes hábitos incorporaram o de um retorno infinito à Lapa Pintada III e a boa parte dos demais abrigos da região.

Fica claro, no entanto, a quantidade de lacunas existente nesta história e é impossível saber quanto tempo ainda levaremos para completá-las, se é que as completaremos. Contudo, ela hoje já é uma história muito mais completa do que a oito anos atrás, quando nem sabíamos que ali havia alguma história.

Evidentemente, as fontes para a reconstituição histórica de sociedades como a aqui estudada são diferentes das da história tradicional. Recentemente porém, SAHLINS (1994: 7-11) faz as seguintes observações:

> *A história é ordenada de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. ... a cultura é historicamente reproduzida na ação. ...Sabe-se que os homens criativamente repensam seus esquemas convencionais. É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação. ...O que os antropólogos chamam de "estrutura" - as relações simbólicas de ordem cultural - é um objeto histórico. Esta afirmação cancela de modo explícito a oposição de noção, encontrada por toda a parte nas ciências humanas, entre "estrutura" e "história". ...O mesmo tipo de mudança cultural, induzida por forças externas mas orquestrada de modo nativo, vem ocorrendo há milênios. ...A história é construída da mesma maneira geral tanto no interior de uma sociedade, quanto entre sociedades. ... Segue-se daí que ordens culturais diversas tenham modos próprios de produção histórica. Culturas diferentes, historicidade diferente.*

Desta forma, os arqueólogos sofrem hoje as mesmas inquietações que os historiadores: a história geográfica, a história da cultura material, a história ambiental, etc., todas com pontos de contato. Assim, a aproximação entre história e arqueologia é mais do que desejável, é natural e necessária. Evidentemente, quase todos nós temos consciência disto, contudo, a história das populações primitivas brasileiras continua a não fazer parte de nossa formação histórica, a não ser muito superficialmente.

De qualquer forma, por mais de mil anos os caçadores-coletores que ocuparam a Lapa Pintada III fizeram da chapada de Buenópolis o seu lar. Não sabemos, com certeza, de onde vieram nem qual foi o seu final. Contudo, certamente, durante todo este tempo devem ter gozado de uma vida bastante satisfatória, pois mantiveram praticamente inalterados os seus padrões.

BIBLIOGRAFIA

BERNBECK, R. 1991. Crisis in the foraging mode of production: long-term cyclical processes in hunter-gatherer societies. In: MIRACLE, P. T.; FISCHER, L. E.; BROWN, J. (Ed.). Foragers in context – long-term, regional, and historical perspectives in hunter-gatherers studies. *Michigan Discussions in Anthropology*. Michigan : University of Michigan, v.10, p.47-62.

BINFORD, S.; BINFORD, L. R. (Ed.). 1968. *News Perspective in Archaeology*. Chicago : Aldine Publishing Company.

BRÉZILLON, M. 1990. *Dicionário de Pré-História*. Lisboa : Edições 70.

BUTZER, K. W. 1982. *Archaeology as Human Ecology: Method and Theory for a Contextual Approach*. Cambridge : Cambridge University Press.

CARVALHO, E.; SEDA, P. 1982. Os sítios com sinalações pesquisados pelo IAB: um guia para cadastramento. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: IAB, n.9, p. 23-67.

CLASTRES, P. 1980. Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas. In: CLASTRES, P. et al. *Guerra, Religião e Poder*. Lisboa : Edições 70, p.9-47.

DE PAULA, F. L. de; SEDA, P. 1979/80. Catálogo dos sítios de Minas Gerais. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte : UFMG, v.4-5, p.201-296.

DIAS JR., O. F. 1976-77. Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia : IGPA-UCG, n. 3-4, p.110-130.

DIAS JR., O. F. 1978-80. Una, Sapucaí, Aratu no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Goiás e áreas vizinhas. In: SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B. (Ed.). Temas de Arqueologia Brasileira. Os Cultivadores do planalto e do litoral. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia : IGPA-UCG, n.9, v5.

DIAS JR., O. F. 1992. A questão das origens, da continuidade e da mudança na pré-história. *Clio*. Revista do Mestrado em História. Recife : UFPE, v.1, n.8, p.153-169.

DIAS JR., O. F. 1994-95. Considerações a respeito dos modelos de difusão cerâmica Tupiguarani no Brasil. *Revista de Arqueologia*. São Paulo : SAB, v.8, n.2, p. 113-132.

DIAS JR., O. F. 1992. A questão das origens, da continuidade e da mudança na pré-história. *Clio*. Revista do Mestrado em História. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, v.1, n.8, p.153-169.

ELIADE, M. 1985. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa : Edições 70.

GOLAND, C. 1991. The ecological context of hunter-gatherer storage: environmental predictability and environmental risk. In: MIRACLE, P.T.; FISCHER, L.E. e BROWN, J. (Ed.). Foragers in context – long-term, regional, and historical perspectives in hunter-gatherers studies. *Michigan Discussions in Anthropology*. Michigan: University of Michigan, v.10, p.107-125.

HEGMON, M.; FISHER, L. E. 1991. Information strategies in hunter-gatherer societies. In: MIRACLE, P.T.; FISCHER, L.E. e BROWN, J. (Ed.). Foragers in context – long-term, regional, and historical perspectives in hunter-gatherers studies. *Michigan Discussions in Anthropology*. Michigan: University of Michigan, v.10, p.127-145.

HELM, June. 1987. The nature of dogrib socioterritorial groups. In: LEE, R.B. & DEVORE, I. (Ed.). *Man the Hunter*. New York : Aldine de Gruyter, p.118-125.

LEE, R. B.; DE VORE, I. (Ed.). 1987. *Man the Hunter*. New York : Aldine de Gruyter.

MAIO, C. R. 1980. *Geomorfologia do Brasil: fotos e comentários*. Rio de Janeiro : IBGE.

MEGGERS, B. J. 1979. *América Pré-Histórica*. Rio de Janeiro : Paz e Terra.

MENEZES, R. 1997. *Sociedade e Tecnologia Lítica: aspectos de ocupações pré-históricas no Município de Varzelândia, Minas Gerais*. Tese de Doutorado em História Social. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MIRACLE, P. T.; FISCHER, L. E.; BROWN, J. (Ed.). 1991. Foragers in context - long-term, regional, and historical perspectives in hunter-gatherers studies. *Michigan Discussions in Anthropology*. Michigan : University of Michigan, v.10.

PANGAIO, L. 1992. Levantamento botânico da Serra do Cabral - MG. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro : CNPq/Finep/UNESA, v.2, p.430-441.

PANGAIO, L. 1993. Levantamento botânico da Serra do Cabral - MG. *Relatório do Projeto de Pesquisas Arqueológicas Serra do Cabral (Programa de Pesquisas Arqueológicas em Grutas de Minas Gerais)*. Rio de Janeiro : Instituto de Arqueologia Brasileira, p.86-96.

PROUS, A. 1983-84. As indústrias líticas e cerâmicas no Estado de Minas Gerais: dificuldades de interpretação. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte : UFMG, v.8-9, p.55-59.

PROUS, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília : EdUnB.

PROUS, A.; FOGAÇA, E.; ALONSO, M. 1994-95. As últimas indústrias líticas do vale do Peruaçu (MG - Brasil). *Revista de Arqueologia*. São Paulo : SAB, v.8, n.2, p. 49-64.

PROUS, A.; MOURA, M. T. T.; LIMA, M. A. 1991. Indústria lítica de Santana do Riacho: tecnologia, tipologia e traceologia. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte: UFMG, v.11, p.187-297.

RONCAYOLO, M. Região. 1986. In: ROMANO, R. (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto : Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v.8, p.161-189.

SAHLINS, M. 1978. A primeira sociedade da afluência. In: CARVALHO, E. A. (Org.). *Antropologia Econômica*. Rio de Janeiro: Ciências Humanas, p.7-44.

SAHLLINS, M. 1994. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro : Zahar.

SCHMITZ, P. I. 1987. O Brasil pré-colonial. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro : IAB, n.3, p.27-31. (Catálogos)

SCHMITZ, P. I.; BECKER, I. I. B. 1991. Os primitivos engenheiros do Planalto e suas estruturas subterrâneas: a tradição Taquara. In: Pré-História do Rio Grande do Sul. *Documentos*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n.05, p.67-106.

SEDA, P. 1996. Arqueologia, história e sociedades primitivas. In: LEMOS, M. T. T. B; BARROS, J. F.; DEMBICZ, A. *América Latina e Europa Centro-Oriental: perspectivas para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro : UERJ/INTERCON, v.1. p.113-126.

SEDA, P. 1998. *A Caça e a Arte: os caçadores-pintores pré-históricos da Serra do Cabral, Minas Gerais*. Tese de Doutorado em História Social. Rio de Janeiro : Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SEDA, P.; PANGAIO, L. 1997. Estrategistas r e K e populações pré-históricas: a distribuição energética aplicada na Serra do Cabral, MG. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro : IAB, n.10, p.33-49.

SEDA, P.; SILVA, L. P. R.; MENEZES, R. 1983-84. A arte rupestre da Serra do Cabral (MG) e a ocupação humana nos abrigos da região: abordagem inicial. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte : UFMG, v.8-9, p.155-184.

SMILEY, F.E. et al. (Ed.). 1979-80. The archaeological correlates of hunter-gatherer societies: studies from the etnographic record. *Michigan Discussions in Anthropology*. Michigan : University of Michigan, v.5, n.1-2.

STEFFIAN, A. F. 1991. Territorial stability as a factor in the occurence and perpetuation of inter-group Buffer Zones. In: MIRACLE, P. T.; FISCHER, L. E.; BROWN, J. (Ed.). Foragers in context – long-term, regional, and historical perspectives in hunter-gatherers studies. *Michigan Discussions in Anthropology*. Michigan : University of Michigan, v.10, p.89-105.

STORER, T. I. 1984. et al. *Zoologia Geral*. São Paulo : Nacional.

STÖRIG, H. J. 1990. *A Aventura das Línguas*. São Paulo: Melhoramentos.

VIANA, S. 1994. *Adaptações serranas na pré-história (padrões de assentamento nas sociedades caçadoras-coletoras)*. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

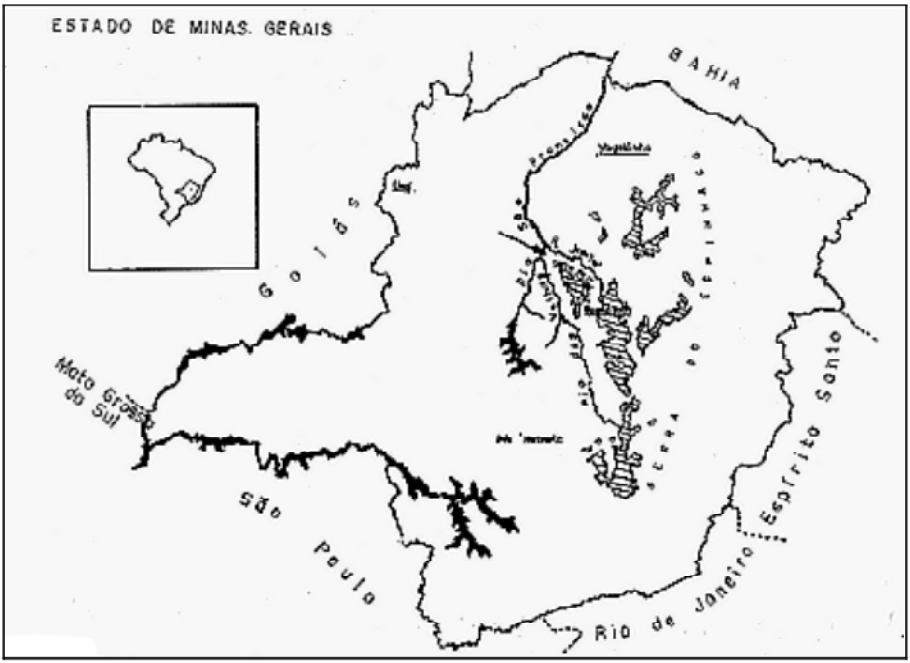


Figura 1 - Localização do Estado de Minas Gerais (Brasil).